

I

«A Presença É a Única Deusa Que Adoro»¹

1. Fausto e Helena

«Não cuida a alma de futuro nem passado, / Pois só o presente — // é nossa sorte e fado.»² Quando, no *Fausto II*, o herói de Goethe pronuncia estas palavras, parece ter já atingido o fim da sua busca «De ao mais alto do Ser sempre aspirar»³. A seu lado, no trono que para ela preparou, está sentada Helena, aquela cuja esplendorosa beleza ele vislumbrou no espelho da «Cozinha de Bruxa», aquela que, para divertir o Imperador, ele evocou no primeiro acto, depois de uma viagem assustadora ao «reino das Mães», aquela por quem então se apaixonou perdidamente: «Mostra-se no fundo / D' alma a fonte inexaurível do Belo? [...] // A ti só devo energia e acção, / És tu o centro da paixão, / A ti voto adoração, amor, loucura.»⁴ Foi essa Helena que ele procurou, durante o segundo acto, através de todas as formas míticas da Grécia clássica, foi dela que falou ao

1 Conversa com Friederike Brun em Karlsbad, 9 de Julho de 1795. *Goethes Gespräche*, ed. F. von Biedermann, 5 Vols., Leipzig, 1909-1911, Vol. 1, p. 232.

2 *Fausto II*, acto III, vv. 9382-9384. Johann W. Goethe, *Fausto*, tradução, introdução e glossário de João Barrento, Lisboa, Relógio D'Água, 2.^a ed., 2013. [Todas as referências à obra *Fausto*, de Goethe, remetem para esta edição, com a indicação dos respectivos números de versos. (N. T.)]

3 *Ibidem*, acto I, v. 4685.

4 *Ibidem*, acto I, vv. 6487-6500.

centauro Quíron, à sibila Manto, e foi ela que, por fim, no terceiro acto, veio procurar refúgio no castelo medieval, talvez em Mistras no Peloponeso, no qual Fausto é dono e senhor.

É então que se dá o extraordinário encontro entre Fausto — que, embora aparecendo sob a forma de um cavaleiro da Idade Média, é, de facto, a figura do homem moderno — e Helena, que, embora evocada sob os traços da heroína da Guerra de Tróia, é, de facto, a figura da beleza antiga e, em última instância, da beleza da natureza. Com invulgar mestria, Goethe soube dar vida a estas figuras, a estes símbolos, de tal modo que o encontro entre Fausto e Helena surge tão carregado de emoção como um encontro de dois amantes, tão cheio de significado histórico como o encontro de duas épocas, tão cheio de sentido metafísico como o encontro do homem com o seu destino.

A escolha da forma poética é verdadeiramente eficaz para dar corpo, em simultâneo, ao diálogo entre os dois amantes e entre as duas épocas históricas. Se, depois do início do terceiro acto, Helena usa o discurso da tragédia grega e as suas palavras são ritmadas pelo trímetro jâmbico, enquanto o coro das troianas cativas lhe responde por estrofes e antístrofes, a partir do momento em que encontra Fausto e ouve o velho Linceu exprimir-se em dísticos rimados, Helena fica espantada e encantada com essa forma poética para si desconhecida: «Se uma palavra ao ouvido se aconchega, / Outra se segue, que esta acaricia.»⁵ E o nascimento do amor de Helena por Fausto vai precisamente exprimir-se por dísticos rimados que Fausto inicia e Helena acaba inventando a rima a cada passo. Aprendendo esta nova forma poética, Helena aprende com Fausto a soletrar o abecedário do amor, como dirá Mefistófeles⁶. «Diz-me então: como heide falar tão bem?», começa Helena. «É fácil», responde Fausto, «tem de vir do coração. / E quando transborda do peito a chama, / Nós buscamos saber —»; «quem conosco ama», responde Helena. Retoma Fausto: «Não cuida a alma de futuro nem passado, / Pois só o presente —»; «é nossa sorte e fado», responde Helena. E Fausto continua: «Ele é tesouro, ganho, posse, canção. / Quem mo confir-

5 *Ibidem*, acto III, vv. 9370-9371.

6 «E eles soletrando o amor»: *ibidem*, acto III, v. 9419.

ma?»; «Esta minha mão», responde Helena.⁷ O dueto de amor cumpre-se provisoriamente com o testemunho da entrega de Helena, e o jogo das rimas completa-se assim através de uma «confirmação», presente não só no eco da rima, mas também no dom da mão. Nesse momento, Fausto e Helena calam-se e abraçam-se em silêncio, enquanto o coro, tomando o tom do epitalâmio, descreve o seu abraço.

Este diálogo de amor, que é ao mesmo tempo um diálogo poético, foi certamente inspirado a Goethe pela experiência vivida nos anos de 1814 e 1815, durante a relação com Marianne von Willemer, experiência de resto desconhecida dos seus contemporâneos. Ao enviar a Marianne von Willemer os poemas do *Divã Ocidental-Oriental*, Goethe teve a surpresa de receber da parte dela poemas que respondiam aos seus e que ele pôde incluir na obra. No «Livro de Zuleica», que faz parte dessa colectânea, Goethe faz também alusão à história do poeta persa que inventou a rima e cuja amada lhe respondia retomando as suas rimas. Será essa a situação de Fausto e Helena, já esboçada no *Divã*: «Como o olhar responde ao olhar e a rima à rima.»⁸

Depois, retoma-se o diálogo de amor entre Fausto e Helena, bem como os versos rimados, o que nos faz viver um momento de tão grande intensidade, de uma tal pregnância, que o tempo e o drama parecem suspender-se. Helena diz: «Estou tão longe, e afinal perto de ti; / Digo e repito: Aqui estou eu, aqui!» E Fausto: «Treme-me a voz, mal posso respirar; / Isto é um sonho, sem tempo nem lugar.» Helena retoma: «Sou tão antiga, e por moça me tenho, / A ti unida, fiel ao que me é estranho». «Não queiras pôr em causa o destino evidente!», responde Fausto, «Ser é dever, nem que seja um instante.»⁹ Podemos entrever aqui o jogo subtil que se instaura entre a magia, a ficção dramática e a realidade. O drama parece suspender-se. Pensamos que Helena e Fausto já não têm mais que desejar, realizados que estão com a presença um do outro. Pensamos na

7 *Ibidem*, acto III, vv. 9377-9384.

8 Goethe, *West-östlicher Divan* [Divã Ocidental-Oriental], «Behramgur, diz-se, inventou a rima», in *Buch der Suleika* [Livro de Zuleica], HA [Edição de Hamburgo], Vol. 2, p. 79. Ver também, na mesma obra, o poema «Vorschmack» [Antevisão (do Paraíso)] in *Buch des Paradieses* [Livro do Paraíso], HA, Vol. 2, p. 107.

9 *Fausto II*, acto III, vv. 9411-9418.

«Elegia de Marienbad»: «Não te restou esperança, ânsia, desejo, / Era esta a meta do mais íntimo anelo.»¹⁰

Mas Mefistófeles, que para se adaptar ao mundo grego adoptou, no segundo acto, a máscara monstruosa de uma Fórcide, vem quebrar este momento perfeito ao anunciar a chegada ameaçadora das tropas de Menelau, e Fausto irá censurar-lhe essa intervenção intempestiva. O instante maravilhoso esvaiu-se, mas as disposições de Fausto e Helena ainda vão reflectir-se na descrição da Arcádia ideal, onde Fausto e Helena vão gerar Eufóron, o génio da poesia.

O diálogo que citámos pode compreender-se a vários níveis. É, primeiramente, o diálogo entre dois amantes idênticos a todos os amantes. Fausto e Helena são dois amantes concentrados na presença viva do ser amado, esquecendo tudo o que, passado ou futuro, se situa fora dessa presença. O excesso de felicidade dá-lhes uma sensação de irrealidade, de sonho; o tempo e o espaço desaparecem.

Mas, num segundo nível de interpretação, este diálogo é o de Fausto e Helena, figuras simbólicas — a do homem moderno no seu esforço interminável e a da beleza antiga na sua presença tranquilizadora — reunidas miraculosamente pela força mágica da poesia que anula os séculos. Neste diálogo, o homem moderno procura fazer com que Helena esqueça o seu passado, para que se sinta inteiramente no instante presente que não pode compreender. Sente-se tão longe e, afinal, tão perto, abandonada pela vida e, no entanto, renascida, vivendo em Fausto, unida a ele, acreditando no desconhecido. E Fausto pede-lhe que não reflecta sobre o seu estranho destino, mas que aceite a nova existência que para ela se abre. Neste diálogo entre as duas figuras simbólicas, como bem salientou Dorothea Lohmeyer¹¹, Helena torna-se «moderna», se assim podemos

10 «Elegia» [conhecida como «Elegia de Marienbad»], *Obras Escolhidas de Goethe. Poesia*, Vol. 8, selecção, tradução, prefácio e notas de João Barrento, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, p. 186. [Todas as referências à poesia de Goethe remetem para esta edição.]

Os poemas de Goethe que não se encontram nesta edição portuguesa foram traduzidos por João Barrento, expressamente para esta tradução do livro de Pierre Hadot, o mesmo acontecendo com os versos de Schiller, de Hölderlin e de Nietzsche que aparecem citados; inclui-se em nota: Trad. inédita de JB. (N. T.)

11 D. Lohmeyer, *Faust und die Welt. Der zweite Teil der Dichtung. Eine Anleitung zum Lesen des Textes* [Fausto e o Mundo. A Segunda Parte da Obra. Instruções de Leitura do Texto], Munique, 1975, p. 327.

dizer, ao adoptar a rima, símbolo da interioridade moderna, ao duvidar, ao reflectir sobre o seu destino, e Fausto torna-se «antigo», fala como um homem da Antiguidade quando convida Helena a concentrar a sua atenção no instante presente e a não perder esse instante em nome de uma reflexão inconclusiva sobre o passado e o futuro.

De facto, para Goethe, era precisamente essa a característica da vida e da arte antigas: saber viver no presente, conhecer aquilo a que ele chamava, como veremos, «a saúde do momento». Como afirma Siegfried Morenz¹²: «Essa natureza particular da Grécia, ninguém a caracterizou melhor do que Goethe [...], no diálogo entre Fausto e Helena, quando o alemão ensina à heroína grega a arte da rima. Então, “Não cuida a alma de futuro nem passado, / Pois só o presente —”; “é nossa sorte e fado”.»

E é precisamente porque Fausto fala a Helena como um homem antigo que a presença de Helena, isto é, a presença da beleza, lhe proporciona a presença da natureza: para Goethe, Antiguidade e natureza vão a par. E é por isso que o diálogo entre Fausto e Helena pode ser compreendido a um terceiro nível. O encontro com Helena é o encontro com a beleza, o encontro com a presença da natureza, e também o encontro com a sagesa antiga, com a antiga arte de viver. Ao Fausto niilista, que apostou com Mefistófeles que nunca diria ao instante: «Suspende-te, tu que és tão belo!», a antiga e nobre Helena, depois da inocente Margarida, revela o esplendor do ser, isto é, do instante presente, e convida-o a dizer sim ao instante, ao mundo e a ele próprio.

2. O Presente, o Trivial e o Ideal

Para Goethe, já o dissemos, os Antigos sabiam viver no presente, na «saúde do momento», em vez de se perderem, como os Modernos, na nostalgia do passado e do futuro. Numa carta a Zelter, data de 1829, Goethe desenvolve essa ideia com a clareza que seria de

12 S. Morenz, *Die Zauberflöte* [A Flauta Mágica], Münster, 1952, p. 89.